

# MULHERES, SABERES POPULARES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS ALIMENTARES

Bruno Almeida Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa, em desenvolvimento, concentra-se nas práticas alimentares das mulheres rurais no interior do Rio Grande do Sul, explorando suas interseções com cultura, gênero, poder, trabalho e educação. Ancorada nos trabalhos de autores como Maria Lugones (2011), Carlos Brandão (1984) e Maria Ciavatta (2019), a investigação se desenrola no município de Serafina Corrêa, onde busca-se realizar entrevistas semiestruturadas com um grupo de mulheres. O objetivo é compreender seus hábitos alimentares e a relação destas com a tradição, explorando as possibilidades de preservação de conhecimentos e saberes ancestrais que compõem a identidade cultural dessa comunidade. Ao mesmo tempo, a pesquisa visa despir as formas de resistência diante das desigualdades de gênero que as envolvem. Essas desigualdades manifestam-se especialmente no contexto do trabalho doméstico, que inclui tanto as atividades internas à casa quanto as responsabilidades relacionadas ao cultivo, plantio e manejo na propriedade familiar. O preparo das refeições emerge como uma das principais tarefas que estruturam a organização da vida familiar no campo, sendo esta função quase que exclusivamente atribuída às mulheres. Apesar de seu papel central na manutenção dessas práticas, elas permanecem em uma posição secundária no que tange ao reconhecimento social de suas atividades. Diante disso, torna-se fundamental aplicar o conceito de "comensalidade" para entender como a construção da identidade social dessas mulheres está intimamente ligada à manutenção dos laços afetivos, onde a comida assume o papel de um poderoso símbolo de união, resistência e esperança. Ao buscar trazer os significados atribuídos à comida dentro dessas dinâmicas sociais, a pesquisa também se propõe a explorar as mudanças e permanências nas práticas alimentares ao longo do tempo, fortemente influenciadas por hábitos culturais, tradições enraizadas e o saber coletivo.

**Palavras-chave:** Mulheres, Práticas Alimentares, Saberes Populares.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto surge da necessidade de entender como se configuram as práticas alimentares desenvolvidas por mulheres rurais no interior do Rio Grande do Sul. Para alcançar esse objetivo, é fundamental considerar as contribuições de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), renomado folclorista que se dedicou a explorar as diversas expressões da cultura popular brasileira. Segundo Cascudo (2004), o contexto cultural que permeia as práticas alimentares é essencial para a compreensão de aspectos importantes relacionados à história da alimentação, oferecendo uma perspectiva rica e aprofundada sobre o tema;

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS, Bolsista CAPES Integral, [brunoalmeida.edu@gmail.com](mailto:brunoalmeida.edu@gmail.com);

Comer é um ato orgânico que a inteligência tornou social. Todo animal sabe escolher e saborear seu alimento. Não sei se posso afirmar o mesmo dos meus semelhantes, implumes e bípedes. Comer para viver e viver para comer são formas excepcionais, irracionais e criminosas do direito de existir. Delitos contra a natureza selecionadora e lírica da espécie humana. (CASCUDO, 2017, p.350)

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2003), a relação entre mulheres, alimentação e práticas sociais insere-se numa perspectiva que considera as influências culturais e econômicas responsáveis por moldar as possibilidades de escolhas alimentares ou por criar a ilusão de uma falsa liberdade de escolha. Isso tem um impacto significativo nas decisões relacionadas às práticas alimentares dentro das comunidades. Minayo (2003) explora como as normas e expectativas sociais ligadas à alimentação são estabelecidas, bem como a maneira pela qual essas regras afetam as mulheres de diferentes formas, de acordo com seus contextos de socialização.

Essa intersecção pode ser analisada dentro do processo de Educação e Trabalho, conforme abordado por Maria Ciavatta (2012), que discute as necessidades de sobrevivência de cada indivíduo, considerando as especificidades de diferentes espaços e tempos;

Quando falamos sobre Trabalho-Educação como a história em processo, temos por base Marx e Engels (1979) e sua concepção revolucionária de história, ao afirmar que o fato histórico fundamental é a existência humana ao prover a todas as suas necessidades. O segundo fato histórico é que, para viver e atender às suas necessidades de sobrevivência, os seres humanos criam outras necessidades, como os instrumentos de trabalho e as diferentes formas de se relacionar com a natureza para produzir os meios de vida. (CIAVATTA, 2012, p.10)

Abordar os desafios enfrentados pelas mulheres rurais no contexto alimentar, como a disponibilidade de alimentos saudáveis, as desigualdades socioeconômicas, os sistemas de opressão e os impactos das dietas restritivas, revela a necessidade de discutir as múltiplas formas de opressão que se manifestam não apenas nas áreas urbanas, mas também nas zonas rurais. É essencial destacar que a memória desempenha um papel crucial para a compreensão dos processos sociais estabelecidos nessas regiões, seja pela produção de alimentos ou pela influência das práticas alimentares transmitidas por gerações, conforme ressaltam Simon, Moretti e Ploia (2022) no presente estudo;

Consideramos que a categoria memória é relevante para a compreensão da relação entre trabalho e alimentação, pois revela tradições, costumes e experiências dos grupos sociais bem como manifesta a organização das comunidades por seu trabalho, saberes e processos educativos que emergem no tempo e no espaço vividos (TEDESCO, 2014). Portanto, é vetor de uma

vivência de pertencimento coletivo e popular compartilhada entre gerações. (SIMON; MORETTI; PLOIA. 2022, p.5)

Nos debates teóricos acerca da relação cultural das mulheres em torno da alimentação, observa-se um reflexo significativo nas dinâmicas de gênero, memória coletiva, estrutura familiar, construção identitária e práticas religiosas, conforme enfatizado por De Souza Lima (2005). Esses elementos revelam como a alimentação transcende o aspecto nutricional, sendo também um símbolo de pertencimento e expressão de poder dentro do contexto social, reforçando tradições e, ao mesmo tempo, delineando as desigualdades presentes nas interações entre os gêneros. Através dessa análise, compreende-se a importância de explorar os aspectos culturais e sociais que influenciam as práticas alimentares, bem como sua relevância na constituição de subjetividades e na perpetuação de legados familiares e religiosos;

Em percepção semelhante, Woortmann, em estudos sobre dimensões sociais da comida entre os camponeses, defende a “comida” para este grupo como sendo uma “categoria cultural nucleante” que se articula a “trabalho” e a “terra”, e que as escolhas alimentares que incluem alimentos proibidos, permitidos e os preferidos estão ligadas às dimensões de gênero, memória, família, identidade e também religião, etc. (DE SOUZA LIMA, 2005, p. 509)

Necessitando de uma abordagem que observe como as relações sociais se desenvolvem em torno das mulheres camponesas, este estudo tem como objetivo realizar uma investigação aprofundada das dinâmicas sociais, culturais, de poder e das desigualdades que influenciam as práticas alimentares e a transmissão de saberes no município de Serafina Corrêa, localizados no estado do Rio Grande do Sul. Segundo De Souza Lima (2015), "pode-se afirmar, portanto, que comer é mais do que um simples ato de sobrevivência; é também um comportamento simbólico e cultural", que permite compreender como essas comunidades constroem e vivenciam suas práticas, além das consequências diretas na vida das mulheres. Desse modo, é possível entender que a relação das mulheres com a produção de alimentos em contexto comunitário está intrinsecamente vinculada, conforme afirmam Simon, Moretti e Ploia (2022):

A relação entre alimento, cozinha e comida, imbricada pela ação do trabalho, é intermediada por saberes, práticas, experiências, atitudes de colaboração, solidariedade e reciprocidade que comunicam e representam saberes populares e tradicionais, em particular os das mulheres (SIMON; MORETTI; PLOIA. 2022 p.6)

Entendendo a importância de contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre as práticas alimentares das mulheres rurais, estamos em busca de explorar não apenas sua dimensão cultural e simbólica, mas também de investigar as semelhanças na forma como essas mulheres organizam e perpetuam suas tradições alimentares. A cozinha, nesse contexto, assume um papel central como local de intercâmbio, seja de afetos, saberes ou até mesmo de reprodução de violências estruturais. Conforme observado por De Souza Lima (2015), o espaço ao redor do fogo sempre foi um ambiente de trocas, simbolizando a continuidade das relações sociais e dos conhecimentos transmitidos de geração em geração;

Ao redor do fogo é possível se aquecer, preparar os alimentos e a comida, mas também estabelecer o diálogo. Segundo García, nos primórdios da humanidade, os encontros diários dos grupos se davam em torno do fogo para trocar experiências do dia e traçar estratégias de caça. (De Souza Lima, 2015 p.514)

Embora existam grandes estudos sobre as práticas alimentares das mulheres rurais no Brasil, poucos trabalhos exploraram a interlocução com a História da Alimentação em nível local, considerando as abordagens de Câmara Cascudo. Assim, essa perspectiva entre alimentação-educação-trabalho possibilita uma análise mais profunda das dimensões culturais, simbólicas e estruturais envolvidas nas práticas alimentares dessas mulheres.

O conceito central desta pesquisa reside na "comensalidade", conforme elucidado por De Souza Lima (2015), que define essa relação nas práticas alimentares, destacando sua relevância para a compreensão das dinâmicas sociais

Assim, a comida, que é o alimento transformado pela cultura, passa a possuir também a função agregadora para os seres humanos. A essa função se dá o nome de "comensalidade", que tem como significado a capacidade de estabelecer relações de sociabilidade importantes, pois implica reunir as pessoas em torno da mesa. Ou seja, enquanto come, o grupo tem também a oportunidade de dialogar e trocar experiências do cotidiano. (De Souza Lima, 2015, p.514)

O estudo das práticas alimentares de mulheres rurais no contexto abordado para esta pesquisa se organiza pela necessidade de compreender as vivências e experiências dessas mulheres no que tange à alimentação. Conforme argumenta Souza Lima (2015), os encontros familiares em torno da mesa estão profundamente enraizados no passado colonial do Brasil, onde, ao menos uma vez ao dia, as famílias se reuniam para compartilhar informações e fortalecer laços comunitários. Essa prática revela não apenas

uma tradição alimentar, mas também o papel central da alimentação na construção e manutenção de vínculos sociais e culturais nas comunidades rurais, destacando-se como uma parte importante do patrimônio imaterial brasileiro.

Em semelhante percepção, Algranti aponta que há registros de que, desde o período colonial no Brasil, a reunião familiar durante as refeições, pelo menos uma vez ao dia, se tornou um costume que se perpetuou nas famílias rurais, bem como nas urbanas. (De Souza Lima, 2015, p.515)

Dessa forma, é indispensável trazer para o campo historiográfico a relevância da compreensão das dinâmicas sociais, culturais e de gênero no contexto da alimentação. O foco principal reside em investigar, de maneira aprofundada, as práticas alimentares das mulheres rurais e suas diversas formas de interconexão. Neste cenário, torna-se essencial "compreender a alimentação como um ato que transcende a simples ingestão de alimentos, configurando-se como uma experiência prazerosa, que possibilita a conexão com os significados atrelados à herança cultural, à memória afetiva e aos momentos de sociabilidade" (De Souza Lima, 2015, p.520).

A ampliação dos questionamentos deste estudo envolve a análise de como a alimentação define as características simbólicas associadas à socialização e à reprodução de comportamentos em áreas rurais. Procura-se compreender os significados atribuídos ao ato de comer nesses contextos, investigando como se perpetuam as dinâmicas de conhecimento, as formas de violência e os mecanismos de resistência. Essas manifestações de sentido podem ser analisadas a partir da seguinte abordagem;

Assim, na vida ordinária, o produzir a comida manifesta significados, sentimentos, visões sociais de mundo, identidades e novos saberes. Assim, os ritos entre cultivar, processar, cozinhar e comer revelam-se como espaços não apenas de sociabilidade, reciprocidade, encontros e trocas entre homens e mulheres, mas também de múltiplos processos educativos por meio do diálogo (SIMON; MORETTI; PLOIA. 2022, p.8)

Neste contexto, a pesquisa anda no caminho de propor a hipótese de que os significados das práticas alimentares, sob uma perspectiva de comensalidade, podem refletir as transformações e permanências que ocorreram no contexto familiar dessas mulheres rurais. Destaca-se que os aspectos históricos da vida dessas mulheres exercem um impacto direto na contemporaneidade, onde tais práticas alimentares asseguram a ressignificação da comida, vinculada aos saberes, ao poder, à resistência e às tradições culturais.

## METODOLOGIA

Os estudos de gênero oferecem ao debate teórico fundamentos essenciais para compreender as relações entre identidades e práticas alimentares. Para tanto, esta pesquisa busca utilizar a dimensão da perspectiva de gênero, conforme abordado pela autora e pesquisadora María Lugones (2011). Essa perspectiva examina como o corpo, gênero, raça e cultura, entre outras categorias de opressão, estão interligados e organizados pelas estruturas coloniais ao longo da história, perpetuando a subjetividade das opressões;

A opressão de mulheres subalternizadas através de processos combinados de racialização, colonização, exploração capitalista, e heterossexualismo. Minha intenção é focar na subjetividade/intersubjetividade para revelar que, desagregando opressões, desagregam-se as fontes subjetivas-intersubjetivas de agenciamento das mulheres colonizadas (LUGONES, 2011, p. 941)

Assim, dentro dessa perspectiva, é necessário analisar de que maneira as formas subjetivas, expectativas e representações influenciam as escolhas alimentares das mulheres rurais, além de estabelecer quais comportamentos devem ser adotados em relação à alimentação e como esses devem ser organizados.

A História da Alimentação fornece uma base conceitual para contextualizar e examinar as práticas alimentares em seus respectivos espaços sociais e culturais. Compreende-se que a alimentação não está apenas vinculada às necessidades nutricionais das populações brasileiras, mas também às tradições, crenças e aspectos culturais de cada região do país, considerando seu contexto social, histórico e político. De acordo com Henrique S. Carneiro (2005), comer não é um processo individual, mas sim um campo de relações sociais, conforme esclarece;

Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem. O uso do fogo há pelo menos meio milhão de anos trouxe um novo elemento constituidor da produção social do alimento. (CARNEIRO, 2005, p.1)

O que acaba sendo afetado diretamente pelos aspectos econômicos fortalece uma política de escolhas alimentares individuais e a forma como essas mulheres se relacionam dentro de seu grupo familiar, impactando diretamente a produção de alimentos e a distribuição de recursos alimentares. As relações entre alimentação e cultura constituem

um elemento-chave na compreensão das práticas alimentares das mulheres camponesas, tornando a interseccionalidade uma abordagem que abrange estudos de gênero, classe, etnia e localização geográfica. Esse fenômeno se desenvolve no espaço mais íntimo do âmbito privado, conforme destacado por De Souza Lima, que esclarece a relação do ato de comer nesse processo;

comer proporciona uma relação de intimidade com o ser humano, pois há o investimento psicossocial no processo de escolha dos alimentos. O próprio processo de ingerir demonstra a intimidade existente entre a comida e o corpo, considerando que trata daquilo, que, segundo Mintz, “é colocado para dentro do corpo”. O autor defende que “nenhum outro comportamento não automático se liga de modo tão íntimo à nossa sobrevivência”. Corroborando esse pensamento, Câmara Cascudo defende que é “inútil pensar que o alimento contenha apenas os elementos indispensáveis à nutrição. Contém substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito, alegria, disposição criadora, bom humor” (DE SOUZA LIMA, 2005, p. 348)

Ao adotar uma perspectiva interseccional, é possível compreender como as práticas alimentares das mulheres rurais na região em questão são organizadas por diversos fatores relacionados às desigualdades sociais e estruturais que influenciam suas experiências alimentares.

Essas experiências podem ser percebidas como momentos educacionais não formais ou mesmo enquadradas dentro da educação popular, conforme será abordado na conclusão deste trabalho.

Conforme enquadrado por Simone Corbiniano (2022), que argumenta que os aspectos educacionais surgem a partir da época e do momento em que o indivíduo está construindo sua racionalidade. Assim, a imparcialidade nunca pode ser considerada aceitável; pode-se entender que as ações dessas mulheres são reflexos de seu contexto, conforme se segue:

Levando em consideração as disposições racionais e irracionais do ser humano, seja qual for o aspecto considerado, a educação sempre compartilha o espírito da época e da racionalidade em que ela é participante. Assim, a racionalidade da formação nunca é imparcial em relação aos princípios que integra, não tem valor neutro, não é destituída de efeitos mais ou menos elevados quando se trata de concepções, métodos e formas de realizar a educação e não se desvencilha das necessidades antropológicas e arquetípicas a que ela corresponde. (CORBINIANO, 2022, p.9)

Cabe destacar que uma análise das representações sociais de gênero e das modalidades de relações que a alimentação permite compreender pode iluminar os reflexos da afetividade entre mulheres camponesas e sua relação com a produção de alimentos e a comida. Nesse sentido, o objetivo é examinar os significados da comida dentro dos processos de comensalidade, entendendo as mudanças e permanências das práticas alimentares. Especificamente, a abordagem se concentra na articulação entre o tradicional e o moderno, investigando como ocorre o processo de escolha alimentar, bem como as formas que o determinam, como hábitos, tradições e influências, vinculando-se aos saberes e aos costumes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fundamental trazer à conclusão o debate sobre o papel da educação popular neste estudo e suas implicações teóricas. Carlos Rodrigues Brandão (1982) afirma que a fala exerce uma função central na sociedade, uma vez que, por meio dela, perpetuam-se tradições, resistências e surgem novas possibilidades de reconstrução. A ausência de um entendimento mútuo na comunicação tende a perpetuar desigualdades, transformando a linguagem em um mecanismo de dominação, capaz de silenciar vozes e reforçar estruturas opressivas;

Aprisionada por um poder separado da vida, a palavra sem o consenso torna-se a fala necessária para a sociedade e, por isso, é imposta e dada como legítima para realizar os atos do controle da vida social dominada pela desigualdade. (BRANDÃO, 1985, p.3).

Convém ressaltar que é na educação popular que se manifesta, de maneira singular, a possibilidade de existência por meio da fala. Neste contexto, a cozinha emerge como um espaço de resistência para essas mulheres, onde elas encontram uma oportunidade de se expressar e afirmar suas identidades frente às opressões diárias. O ambiente da cozinha proporciona um espaço para o diálogo, não apenas entre as mulheres, mas também com suas famílias, permitindo a troca de experiências e a construção de laços afetivos. É nesse espaço que ocorre o "momento da fala", no qual as práticas e os saberes são revelados e compartilhados de forma genuína.

Um pequeno mundo humano onde, em meio a outros símbolos de uma nova ordem, a palavra, o saber e a educação existam entre ofícios e trocas que tornem livres todos. "Redizer o mundo", "reescrever a palavra", setas do caminho que podemos pensar juntos, aqui, leitor. (Brandão, 1982, p.5)

Diante dessas múltiplas formas de resistência e expressão, a ideia de "Redizer o Mundo" refere-se à reconfiguração dos conhecimentos adquiridos e ao compartilhamento desses saberes com o mundo exterior. Esse processo se dá principalmente na cozinha, onde a preparação dos alimentos se converte no desfecho simbólico dessas práticas culturais. Através desse ritual, possibilita-se a liberdade de imaginar e construir um novo mundo, recriando realidades e fortalecendo a autonomia dessas mulheres em um cenário historicamente marcado pela opressão.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1982. Educação popular. São Paulo: **Brasiliense**.
- CIAVATTA, Maria. Trabalho-Educação: a História em processo. CIAVATTA, Maria et. al. Historiografia em Trabalho-Educação: como se escreve a história da educação profissional, v. 1, 2019.
- CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. *História: questões & debates*, v. 42, n. 1, 2005.
- CORBINIANO, Simone. Imaginação, racionalidade e educação: bases da criação e do conhecimento. *Educação e Pesquisa*, v. 48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248240693>.
- DA CÂMARA CASCUDO, Luís. História da alimentação no Brasil. **Global Editora e Distribuidora Ltda**, 2017.
- DE SOUZA LIMA, Romilda; NETO, José Ambrósio Ferreira; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 10, n. 3, p. 507-522, 2015.
- MORETTI, Cheron; PLOIA, Hosana; SIMON, Everton Luiz. Processos educativos populares na/da alimentação: a prática do saber e o saber da prática. *Revista Conjectura: Filos. Educ*, v. 27, p. 1-21, 2022.
- LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, v. 6, n. 2, p. 105-117, 2011.